

LEITURA DE QUADRINHOS POR CRIANÇAS GAÚCHAS NOS ANOS 1950: ENTRE A CONDENAÇÃO E O ENTRETENIMENTO

Rosa Maria Hessel Silveira¹
Maria Helena Ribeiro Hessel²
Marília Forgearini Nunes³

Resumo: O texto tem como tema a leitura de quadrinhos (em gibis ou revistas infantis) por crianças brasileiras nos anos 1950, época em que coexistiam a sua popularização e uma campanha de teor pedagógico e moral visando à sua condenação. Para isso, contextualiza a pesquisa que deu origem aos dados empíricos, cujo foco foram as memórias de leitores de uma revista infantil gaúcha da época (Cacique), e aborda a questão das HQs e controvérsias que as envolviam. Por fim, discute relatos feitos por antigos leitores entrevistados, os quais relembram a frequência e as circunstâncias da leitura de quadrinhos - em gibis ou em revistas infantis da época - durante sua infância, articulando-os com dados contextuais e aportes teóricos.

Palavras-chave: quadrinhos; Revista Cacique; Leituras infantis; Anos 1950 gibis

Children reading comics in the 1950s: between condemnation and entertainment

Abstract: The text has as its theme the reading of comics (in comic books or children's magazines) by Brazilian children in the 1950s, a time when its popularization coexisted with a campaign of pedagogical and moral content aimed at its condemnation. For this, it contextualizes the research that gave rise to the empirical data, whose focus were the memories of readers of a children's magazine from Rio Grande do Sul at the time (Cacique), and addresses the issue of comics and controversies surrounding them. Finally, it discusses statements made by former readers interviewed, who recall the frequency and circumstances of reading comics - in comic books or children's magazines of the time - during their childhood, linking them with contextual data and theoretical contributions.

Keywords: Comics; Cacique Magazine; Children's Readings; 1950s Comics

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS), Coordenadora do Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO/CNPq). Email: rosamhs@gmail.com

² Ph.D. em Paleontologia e Geologia Histórica pela Uppsala Universitet (Suécia), com cerca de uma centena de publicações sobre fósseis do Cretáceo brasileiro. Professora e pesquisadora. Filiação institucional: Fundação Paleontológica Phoenix - Aracaju . Email: mhessel@gmail.com

³ Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação/UFRGS e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDU/UFRGS). Email: mariliaforginunes@gmail.com .

Não, não fui de ler gibi, porque a minha mãe, como boa professora, ela tinha, naquela época, ela tinha horror de gibi. (...) Assim, nunca li gibi mesmo, revista. (entrevista de ex-leitora infantil dos anos 50)

Eu tinha muita revista em quadrinho, que eu comprava. (...) Eu lia 'Pato Donald', 'Mickey', essas revistas como 'Mindinho' que tinha Pernalonga, Gaguinho, Frajola e Piu-piu. Eu comprava Tom & Jerry (...). Eu comprava essas revistas, que são aquelas revistas que tinham bichinhos humanizados. Essas eu lia bastante. (entrevista de ex-leitor infantil dos anos 50)

Em 1944, o Instituto Nacional de Educação e Pesquisa (INEP), órgão ligado ao Ministério da Educação e Cultura, apresentou um estudo preconceituoso (...) no qual afirmava que as histórias em quadrinhos provocavam 'lerdeza mental'. (...) o tal estudo surtiu efeito devastador entre muitos pais e professores, implicando proibições de leitura das HQs e gerando frases que foram repetidas e lembradas por muitas gerações, como "quem lê histórias em quadrinhos fica com o cérebro do tamanho de um quadrinho". (CARVALHO, 2006, p.32).

Os três excertos trazidos à guisa de epígrafe deste texto sinalizam a multifacetada temática que nele pretendemos abordar, qual seja, a leitura de quadrinhos (em gibis ou em revistas infantis) por crianças brasileiras nos anos 50, dentro de um panorama mais geral da época, na qual coexistiam a sua expressiva popularização e uma campanha de teor pedagógico e moral visando a sua condenação.

Com o objetivo de desenvolvermos a temática, o presente texto parte da contextualização da pesquisa que deu origem aos dados empíricos; aborda, posteriormente e de forma sintética, a questão das HQs e as controvérsias a elas ligadas, apresentando alguns dados sobre a presença dos quadrinhos em revistas infantis; ao final, discute os relatos trazidos por antigos leitores/as entrevistados/as, articulando-os com dados contextuais e aportes teóricos.

Na construção da investigação, buscamos apoio, inicialmente, no campo dos Estudos Culturais (EC), com especial atenção a contribuições de Ang (2022) e Fornas (2022), em obra na qual vários praticantes dos Estudos Culturais revisitam o campo. Ang (2022, p.36), por exemplo, faz referência à

'sensibilidade dos Estudos Culturais', definindo-a por 'uma compreensão particular acerca de como podemos 'conhecer' melhor a cultura e o mundo: (...) saber que a 'cultura' é um processo social contínuo, por meio do qual modos de vida são totalmente construídos e reconstruídos, e que nós só podemos entender 'o que está acontecendo' se analisarmos as práticas em seus complexos contextos e assim por diante.

A articulação entre práticas culturais, como a leitura (de quadrinhos, inclusive), os modos de vida para os quais elas contribuíram e os complexos contextos em que aconteceram pode ser um alvo inatingível em sua totalidade, mas a sua referência como horizonte sem dúvida é benéfica e esteve presente em nosso trabalho. Já Fornas (2022), ao destacar três facetas dos EC que ainda necessitariam de aperfeiçoamento, quando tomadas como objetivo, aponta a diversidade (na prática acadêmica), a contextualização e, por fim, a crítica e a intervenção. Considerando que o objeto de nosso estudo - de moldura histórica - já não suportaria a 'intervenção' propriamente dita, buscamos, primordialmente, contribuições de diferentes campos para a sua contextualização e crítica.

É neste sentido que tomamos por base, para a escuta e interpretação das menções e relatos dos entrevistados, as contribuições da História Cultural sobre leitura (CHARTIER, 1990, 2001, 2002); de estudos sobre quadrinhos no Brasil (IANNONE e IANNONE, 1994; CARVALHO, 2006; GONÇALO Jr., 2004; RAMOS, 2010) e sobre a imprensa para crianças, incluindo a revista infantil 'Cacique' (MENNA, 2019; ROSA, 2002; BRITES, 2004; SILVEIRA, ZUBARAN e HESSEL, 2019).

Alguns dados sobre a pesquisa mais ampla

Num mundo ainda não povoado pelas imagens das telas, pelos sons dos artefatos midiáticos e seu apelo incessante, ao qual estamos tão habituados, a produção cultural para o entretenimento infantil - das crianças letradas - tinha como importante elemento as revistas especialmente destinadas a elas. Variados estudos - em especial os que se debruçaram sobre revistas específicas, como "O Tico-Tico" (ROSA, 2002; MENNA, 2019) e "Sesinho" (BRITES, 2004; DEMÉTRIO e ROYER, 2013), - perscrutaram a materialidade desses artefatos, assim como o contexto de sua produção e suas mudanças no decorrer do século

XX. Especificamente sobre a revista ‘Cacique’ (Fig.1), publicada no Rio Grande do Sul, na década de 1950 e início da década de 60, o estudo de SILVEIRA, ZUBARAN e HESSEL (2019) realiza um mapeamento detalhado dos autores e das seções que dela fizeram parte, em sua 1ª fase.

A exemplo de outras revistas infantis da época, que aliavam entretenimento, instrução e objetivos específicos de formação moral e cidadã, encontram-se na ‘Cacique’ tanto textos informativos sobre Geografia, História, Ciências, Arte e cultura em geral, quanto textos ficcionais, ora produzidos especialmente para a revista, ora adaptados de um repertório mais amplo: fábulas, contos de fadas e clássicos da literatura infantil. Poemas, partituras de canções para crianças, passatempos, piadas, historietas cômicas em quadrinhos e concursos completavam o repertório da ‘Cacique’, que, em face de outras revistas infantis da época, tinha como peculiaridade o fato de ter sido idealizada e editada pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Rio Grande do Sul. Contando com 123 edições, distribuídas em duas fases: 1ª - abr/1954 - dez/1959 (106 n.ºs); 2ª - set/1961- dez/1963 (17 n.ºs), a ‘Cacique’ tinha uma lista de assinantes informada na 2ª capa de várias de suas edições, incluindo nome e indicação de origem geográfica do assinante, mostrando uma variedade de cidades de outros estados brasileiros. Mesmo assim, a revista parece ter tido uma importância predominantemente regional, o que se reflete num número relativamente modesto de estudos acadêmicos sobre ela.



Figura 1: Foto de capas da 1ª fase da revista 'Cacique'. Fonte: acervo da pesquisa.

Neste contexto, foi planejado e desenvolvido o projeto de pesquisa "A Revista Cacique e a infância gaúcha dos anos 50 - textos e leituras" (Fases I e II)⁴. Em sua 1ª fase, o foco foi a realização de estudos e análises da Revista considerada em sua materialidade e entendida em um contexto mais amplo, com ênfase nas 106 edições de 1954-1959; já em sua 2ª fase, o objetivo principal foi o de “capturar, por meio de entrevistas com antigos leitores da revista, lembranças reconstruídas de práticas de leitura da mesma, através da identificação de formas de acesso, espaços e tempos de leitura, preferência de seções, personagens, passatempos, ilustrações, capas etc.” Nesta fase, cuja implementação coincidiu com a pandemia do coronavírus e, por este motivo, sofreu alguns atrasos e adaptações, foram realizadas 18 entrevistas com ex-leitores(as) da revista, localizados ora através da rede de contatos pessoais, ora através da própria menção – nos exemplares – a assinantes e premiados em concursos. As

⁴ O projeto, em suas duas fases, foi aprovado pela Comissão de Pesquisa da Faculdade de Educação da UFRGS e pelo Comitê de Ética da UFRGS e executado no NECCSO (Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade), sediado no PPGEducação UFRGS, contando com equipe interinstitucional. Foi coordenado pelas proessoras. Dras. Rosa Maria Hessel Silveira e Marília Forgearini Nunes. Em sua 1ª fase, contou com bolsistas de Iniciação Científica da FAPERGS (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul).

t entrevistas, realizadas entre 2021 e 2022, foram registradas em áudio e vídeo utilizando a plataforma Google Meet. Participaram dos encontros virtuais 12 mulheres e 6 homens, nascidos entre 1942 e 1954, com idade de 64 a 79 anos quando da realização da entrevista. A maioria era composta por professores(as) de diferentes níveis do ensino, mas o grupo também contou com médicos, engenheiros, historiadoras e funcionárias públicas. Quando crianças, 11 eram moradores de Porto Alegre e 7 residiam no interior do Rio Grande do Sul.⁵

Importante mencionar que, antes das entrevistas, emprestava-se a cada entrevistado(a) uma amostra de exemplares antigos da revista, em número suficiente para que pudessem reavivar suas memórias e tivessem em suas mãos objetos de leitura semelhantes aos de sua infância. Essa estratégia baseia-se no entendimento de que a materialidade do texto é mediadora da leitura ou, como afirma Chartier (2002, p. 61): "Os textos não existem fora de seus suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são veículos.". Tal estratégia, aliada ao fato de que a entrevista foi gravada em vídeo, possibilitou inclusive que alguns entrevistados mostrassem páginas das revistas e as comentassem, assim como as entrevistadoras também puderam eventualmente fazê-lo, o que tornou mais produtiva a exploração destas memórias.

Ainda que o foco da pesquisa fosse a leitura da revista 'Cacique', evidentemente inúmeros tópicos do contexto cultural emergiram – enunciados pelos ex-leitores(as). Em especial, alguns questionamentos da entrevista propiciaram uma incursão sobre as memórias dos leitores em relação à leitura de quadrinhos – em revistas exclusivas de HQs [os gibis] ou em revistas infantis mais gerais, como a 'Cacique'. Tais tópicos abrangiam investigar as "práticas de

⁵ Todos os/as 18 entrevistados/as assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, no qual puderam optar ou não pela publicação de seus nomes. Ao expressarmos nossos agradecimentos pela valiosa colaboração, citamos, em ordem alfabética, os nomes dos entrevistados (todos permitiram sua identificação): Alfredo José da Veiga Neto, Angelo Giugliani Chaves, Beatriz T. Daudt Fischer, Jair Ferreira, Leandro Dalla Zen, Lúcia Helena Beirão Friedrich, Luiz Nicanor Aratijo da Silva, Mara Ferreira Jardim, Margaret Gauss da Silva, Maria Lúcia Castagna Wortmann, Maria Regina Grassi de Oliveira, Maria Teresa Valle, Naira Vasconcellos, Neiva Otero Schaffer, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Rosa Maria Caldas, Véra Lucia Maciel Barroso, Willy Ricardo Petersen Filho. A identificação das falas é feita, neste artigo, por números crescentes de acordo com a cronologia de realização das entrevistas.

t leitura mais amplas de então: livros, revistas, gibis, livros escolares (eventual lembrança de títulos, autores...)” e explorar, especificamente quanto à ‘Cacique’, as seções da revista mais apreciadas e lidas, com sua motivação, e personagens mais lembrados entre os recorrentes nas histórias seriadas e em quadrinhos, junto com sentimentos despertados por eles.

A frequência com que a temática da leitura de quadrinhos emergiu nas entrevistas nos sugeriu o presente estudo, no qual nos debruçamos sobre menções feitas pelos entrevistados ao tema. Evidentemente, tal lembrança se conecta tanto à situação do mercado editorial para crianças no Brasil, na década de 1950 e início da década de 1960, considerando o sucesso que a linguagem sempre obteve junto às crianças, quanto à potente campanha, então corrente, - mas já advinda de décadas anteriores - contra os gibis, como será explorado na próxima seção, por sua pretensa indução à ‘preguiça na leitura’ e/ou por seus prejuízos ao espírito nacionalista, entre outros motivos (GONÇALO JR., 2004; CARVALHO, 2006).

Alguns apontamentos sobre os quadrinhos, sobre sua presença em revistas e as polêmicas que os cercaram

Qualquer discussão sobre as histórias em quadrinhos se beneficia de alguns esclarecimentos prévios. Assim, Ramos (2010) afasta a ideia de que os quadrinhos, por si sós, constituem um ‘gênero textual’ específico, partilhando a ideia de que se trata de uma ‘linguagem’, que perpassa vários gêneros. Efetivamente, o autor opta por considerar:

Os quadrinhos como um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente narrativos. (...) Podem ser abrigados dentro desse grande guarda-chuva chamado quadrinhos os cartuns, as charges, as tiras cômicas, as tiras cômicas seriadas, as tiras seriadas e os vários modos de produção das histórias em quadrinhos. (RAMOS, 2010, p.21)

Os quadrinhos, pois, se caracterizariam como uma linguagem específica, que foi se desenvolvendo e demandando um domínio do código, tanto por parte de seus produtores quanto de seus leitores. Ramos (2010, p.34), ao esmiuçar vários elementos dos quais os quadrinhos contemporâneos lançam mão,

t observa, por exemplo, que “os balões talvez sejam o recurso que mais identifica os quadrinhos como linguagem”.

Estabelecida a premissa de que os quadrinhos, como linguagem, permeiam – e já permeavam quase desde seu surgimento – diferentes gêneros, delinearemos brevemente a forte campanha que se desenvolveu contra eles, naquilo que Gonçalo Júnior nomeia como “A Guerra dos Gibis”. Carvalho (2006, p.32) nos informa que “Aqui no Brasil, já em 1928, surgiam as primeiras críticas formais contra as historinhas: a Associação Brasileira de Educadores (ABE) fez um protesto contra os quadrinhos, porque eles ‘incutiam hábitos estrangeiros nas crianças’” (certamente se referindo ao influxo dos quadrinhos norte-americanos). Este é apenas um dos argumentos que foram esgrimidos contra os quadrinhos por uma coorte de opositores nas décadas seguintes. Gonçalo Jr. (2004) detalha tais lutas em “A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos 1933-1964”, obra cuja contracapa sintetiza de modo bem humorado tal guerra: “Embora fizessem a festa da garotada e de editores como Aizen [Adolfo Aizen] e Marinho [Roberto Marinho], os gibis causavam arrepios nos guardiões da moral, polemistas de plantão, tubarões da imprensa e raposas da política, que em coro pediam censura urgente às revistinhas”.

Algumas observações se fazem necessárias no momento: em primeiro lugar, a condenação e as lutas contra os quadrinhos não foram exclusivamente brasileiras. Gonçalo Jr. (2004, p. 77 e seguintes) relata a censura imposta aos *comics* norte-americanos na Itália e movimentos de repúdio idênticos na França, sob a égide da repulsa a uma ‘invasão cultural americana’. Já nos Estados Unidos, a campanha contra os quadrinhos obviamente não se baseava em argumentos anticolonialistas, mas no pretense poder de os *comics* estimularem crianças e adolescentes a tornarem-se autênticos delinquentes juvenis.

A repercussão de tais investidas também se fez sentir no Brasil, onde as “guerras contra os gibis” foram atravessadas por interesses não apenas pedagógicos, morais, religiosos, culturais e de cunho nacionalista, mas também políticos e comerciais. De certa forma, pode-se sintetizar as argumentações então mobilizadas em três grandes eixos: o prejuízo à valorização da nação brasileira e do nacionalismo entre as crianças, dada a ‘colonização cultural’ norte-americana

trazida por heróis, ambientes, valores, denominações e costumes presentes nas HQs traduzidas; a pretensa indução à preguiça na leitura, em função da importância da imagem em detrimento da palavra escrita; e a deformação da personalidade infantil, em função da presença de violência e de conteúdos de apelo erótico. Algumas dessas críticas resultaram, inclusive, na publicação de listas de ‘revistas desaconselhadas’ para as crianças, de veementes textos na imprensa e em debates políticos; também tiveram como consequência – no campo editorial – a adoção de diversas estratégias de ‘acomodação’, como uma abertura à produção brasileira de quadrinhos, com personagens, situações e contextos nacionais, além da farta utilização da imagem quadrinística para veicular conteúdos pedagógicos e/ou morais. Afinal, se, de maneira indiscutível, os quadrinhos eram irresistíveis para as crianças, por que não utilizá-los de forma mais ‘inocente’ ou – mais – como instrumento para instruí-las e doutriná-las?

Outra distinção também necessária deve ser feita entre a existência dos chamados gibis, revistas que traziam exclusivamente histórias em quadrinhos, e a ocorrência de gêneros que utilizavam a linguagem dos quadrinhos (tiras, historietas, cartuns) em outros veículos não exclusivos de HQs, como, no caso que aqui nos diz respeito, em revistas para crianças. Neste último caso, a menção a ‘O Tico-Tico’, mais longeva e conhecida publicação infantil brasileira, faz-se relevante. Lançada em 1905, ‘O Tico-Tico’ encantou leitores de várias gerações e regiões brasileiras, considerando-se suas seis décadas de publicação e o grande sucesso junto ao público infantil. Rosa (2002, p.9), em detalhado estudo sobre a revista, assume a concepção de que, embora trouxesse histórias em quadrinhos desde seu primeiro número – inicialmente adaptadas de originais norte-americanos, que foram sendo substituídas por criações genuinamente brasileiras, ela deve ser identificada “como uma revista infantil e não propriamente como uma revista em quadrinhos”. Semelhante foi o caso da ‘Cacique’ e de várias outras revistas infantis brasileiras, ora mais duradouras, ora mais efêmeras.

Também é relevante atentar para outra diferenciação, ainda que seus limites sejam mais fluidos. Tal distinção é proposta por Menna (2019, p.90) e se relaciona com o domínio de elementos da linguagem dos quadrinhos (balões, onomatopeias, metáforas visuais, linhas cinéticas, por exemplo), por um lado, e, por outro lado, com a pretensa utilização de tal linguagem na tradução de narrativas produzidas originalmente em outras linguagens. A autora distingue as

t 'histórias em quadrinhos' das 'histórias quadrinizadas', observando que as primeiras se diferenciam das segundas "por apresentarem balões para o registro do discurso direto, onomatopeias e uma narrativa visual aliada ao texto verbal." Efetivamente, para Menna (2019, p.91), nos primórdios da introdução da linguagem dos quadrinhos, "as ilustrações serviam apenas como adornos, sendo que as histórias quadrinizadas poderiam ser compreendidas somente por meio do texto verbal". Nessas histórias, havia uma utilização quase exclusiva de legendas, as quais, para Ianonne e Ianonne (1994, p.73), desempenham "papel equivalente ao do narrador na televisão, no rádio ou num filme. É a voz 'exterior', que descreve algum fato ou informa algo importante." Ainda que Menna (2019, p.90) coloque as histórias quadrinizadas como um primeiro momento de uma trajetória que desembocaria em HQs, nas quais as próprias ilustrações ganhariam "um caráter mais narrativo", tendo sido "acrescentados balões, onomatopeias, bem como diversos recursos gráficos, para expressar sentimentos e ações em geral, até as legendas serem abandonadas", constata-se que HQs e histórias quadrinizadas conviveram por décadas em revistas infantis, como é o caso da 'Cacique'. A exposição que segue sobre a revista, sem ser exaustiva, privilegia quadrinhos e personagens da publicação que foram citados pelos nossos entrevistados.

Observe-se, inicialmente, que a linguagem dos quadrinhos esteve presente em várias seções da 'Cacique', desde seu primeiro até o último número, quer considerando sua 1ª fase (1954-1960), quando as HQs eram coloridas, quer na sua 2ª fase (1961-1963), quando as HQs se tornaram monocromáticas. As primeiras HQs que apareceram na 'Cacique' não tinham texto (nem balões, nem legendas), nem protagonista fixo. A primeira HQ com balões publicada na revista apareceu, efetivamente, em dezembro de 1956 (nº 33), de autoria de Luiz Carlos Ribeiro. No decorrer de sua vida editorial, a 'Cacique' trouxe tanto HQs com ou sem balões, com um domínio maior da linguagem específica, quanto histórias quadrinizadas, em menor número, com legendas utilizadas quadro a quadro. No primeiro caso, temos histórias como dos personagens *Ric Rac* (todas sem nenhum texto), *Manduca* (em geral só imagens, mas incluindo metáforas visuais), *Danilo* (imagens e onomatopeias) e "*Seu*" *Nicácio* (com balões) (Fig.2).

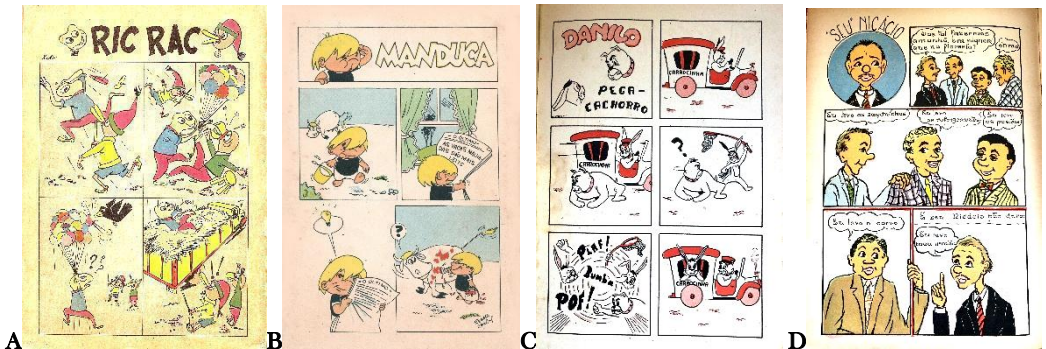


Figura 2: Exemplos de histórias em quadrinhos encontradas na ‘Cacique’: A - *Ric Rac* (n° 9, dez/54, 4ª capa); B - *Manduca* (n° 52, set/57, 4ª capa); C - *Daniilo* (n° 35, jan/57, 3ª capa); D - “*Seu*” *Nicácio* (n° 24, mar/56, p.8). Fonte: acervo da pesquisa.

Por vezes, um mesmo personagem era apresentado de formas variadas, como é o caso do personagem que se transforma em símbolo da própria revista, o *Cacique*, de Renato Canini. *Cacique* podia aparecer ora em histórias só com imagens, com outros recursos da linguagem de quadrinhos (linhas cinéticas, por exemplo), ora em histórias com balões, ora em cartuns com legendas ou em simples vinhetas. Esse também é o caso de *Tibica*, o menino negro de gorro vermelho, outro personagem de Canini, que marcou sua presença na ‘Cacique’ em historinhas em quadrinhos com ou sem balões e, em algumas edições, em cartuns com legenda (Fig.3).

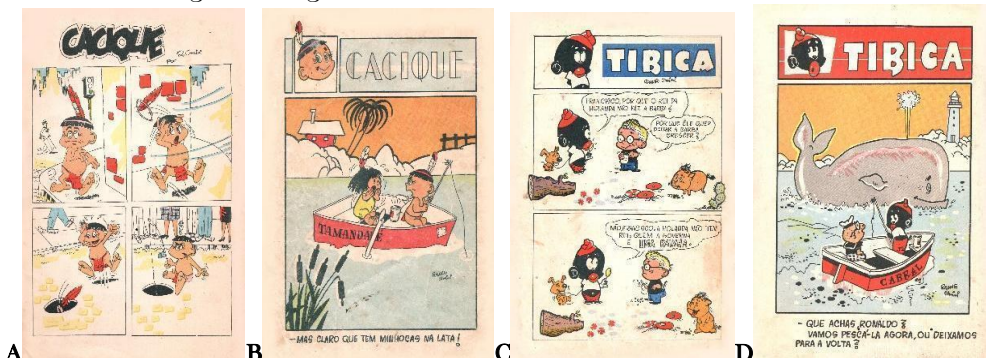


Figura 3: Exemplos de histórias em quadrinhos e historinhas quadrinizadas (ou cartuns) com um mesmo personagem encontradas na ‘Cacique’: A - *Cacique* (n° 41, abr/57, 3ª capa); B - *Cacique* (n° 82, dez/58, 4ª capa); C - *Tibica* (n° 69, jun/58, 4ª capa); D - *Tibica* (n° 79, nov/58, 4ª capa). Fonte: acervo da pesquisa.

O criador de ambas as personagens - e do menino loiro *Manduca* (Fig.2B), menos frequente - foi o mais conhecido ilustrador gaúcho e desenhista de HQs da 'Cacique', Renato Canini, então muito jovem, que criou, a partir do nº 41, os três personagens - *Cacique*, *Manduca* e *Tibica* - presentes em 34 edições da revista. Canini inovou as HQs em suas publicações na revista 'Cacique' ao elaborar desenhos com traços que saíam das margens do quadrinho e até deixava, nelas, espaços abertos, o que, na época, nenhum desenhista fazia (Silveira e Hessel, 2020).

Além de Canini, dentro da equipe de redatores e desenhistas da 'Cacique', houve outros autores responsáveis por um expressivo número de HQs, como o pintor, humorista e empresário lisboeta Zeko (= José Borges Correia), responsável pelas histórias envolvendo os protagonistas *Ric*, um pato, e *Rac*, um sapo, que apareceram em 31 edições, sempre em quatro quadros e na 4ª capa, sem nenhum texto (Fig.2A). *Ric Rac* traz curtas peripécias bem humoradas nas quais sempre *Ric* leva a pior, caindo nas armadilhas de *Rac*.

Efetivamente, as curtas histórias humorísticas, com personagens astuciosos, constituem a grande maioria das HQs presentes na 'Cacique', incluindo, ainda, quase todas as criações de pintor e teatrólogo porto-alegrense Luiz Carlos Ribeiro (VILLAS-BÔAS, 1991, p.205), que desenhou seis protagonistas de HQs, com predomínio de animais antropomorfizados: o azarado gato *Julinho*, a esperta ovelha *Marise*, o atrapalhado coelho *Danilo*, o técnico galo *Zé Carijó*, o forçado urso *Aldo* e a curiosa menina *Alice*.

Vanetti Dani criou a HQ "*Seu Nicácio*", com um protagonista masculino adulto de bigode vestindo terno preto e gravata vermelha, que se encontra em nove edições numa só página (Fig.2C). As histórias narram conversas de um homem avarento e preguiçoso, que sempre fala coisas inesperadas, contraditórias ou engraçadas. Há também as peripécias quadrinizadas com o protagonista *Pimpo*, publicadas em 4 ou 5 páginas nas edições do nº 2 ao nº 6 (com uma interrupção), ilustradas por Vanetti Dani, contando as desventuras de um menino negro e pobre.

Constata-se, em muitas HQs curtas da 'Cacique', a exemplificação do que Ramos (2010, p.24) observa: "A temática atrelada ao humor é uma das

principais características do gênero ‘tira cômica’ (...) [ela] cria uma narrativa com desfecho inesperado no final”. Ou seja: grande parte das HQs da Cacique (sem considerar as histórias quadrinizadas) corresponde a historietas de situações leves, do cotidiano, plenas de humor e comicidade.

No que diz respeito às histórias quadrinizadas, podem ser citadas inicialmente as fábulas adaptadas, que apareceram em 27 edições. Eram apresentadas em seis quadros numa só página, o último deles contendo a ‘moral’ da história, à exceção de *O coelho e a tartaruga*, última edição de fábula, que não traz ‘moral da história’. Outras narrativas quadrinizadas foram adaptações de clássicos da literatura universal, como *Robinson Crusóe* (de Daniel Defoe) e *20.000 léguas submarinas* (de Júlio Verne), entre outras (Fig.4). Já as aventuras de *Corta-Corta e Ligeirinho*, histórias humorísticas com dois besourinhos irmãos, tanto podiam apresentar apenas legendas, quanto mesclá-las com balões, mostrando um desenvolvimento da utilização da linguagem dos quadrinhos por Renato Canini, que ilustrou as narrativas criadas por Iris Strohschoen (Fig.4B). Há ainda outras raras histórias quadrinizadas, publicadas depois de abril de 1959, sobre contos de fada ou com claros objetivos educacionais. Entretanto, elas não foram lembradas por qualquer entrevistado.

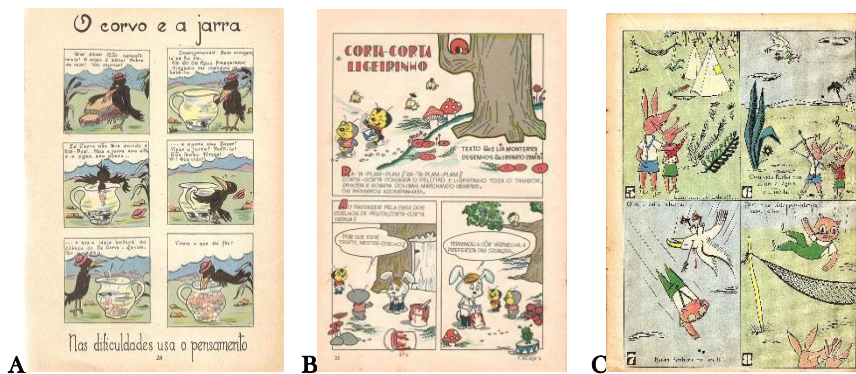


Figura 4: Exemplos de historinhas quadrinizadas encontradas na ‘Cacique’: A – fábulas (n° 1, abr/54, p.28); B – *Corta-Corta e Ligeirinho* (n° 65, abr/58, p.22); C – *Nica, Meco e Pinoca* (n° 9, dez/54, p.19). Fonte: acervo da pesquisa.

Quadrinhos - o que disseram leitoras e leitores dos anos 50

Dentro do quadro esboçado na seção anterior, buscamos, nas falas dos entrevistados, crianças que frequentavam a escola nos anos '50, as referências a lembranças de seus contatos com os quadrinhos e sua linguagem. Ao serem questionados(as) sobre outras leituras que lembravam fazer na sua infância (para além da revista 'Cacique'), dos 18 entrevistados, 13 referiram ler habitual ou ocasionalmente revistas de HQs, ora numa lembrança mais genérica ("gibis") ora citando revistas e/ou personagens. Vejamos alguns dos trechos com tais referências e menções a algumas formas de acesso e práticas associadas.

"Nesta época eu lia gibis, acho que eu lia gibis. Alguns gibis eventualmente a gente comprava em bancas. Eventualmente, meu pai também me dava... De gibis eu me lembro de algumas figuras não usuais, das primeiras que eu gostava (...) era o Hortolino Trocaletra e a Petúnia Resedá, que eram duas figuras... Petúnia Resedá que era a namorada do Hortolino Trocaletra." (entrevistada 1)

"Tinha, tinha muita história em quadrinhos! (...) Eu também olhava, eventualmente, com meus dois sobrinhos... Eu me lembro que eles liam muito 'Mickey', 'Donald', e me emprestavam." (entrevistado 2)

"Este tio tinha, eu lembro... Depois achei num brechó lá em São Paulo, uma revista 'Mindinho'. (...) A capa era colorida... História em quadrinhos... Tinha o Hortolino Trocaletra, tinha o Pernalonga. E eu não sabia ler... Mas eu lembro que eu olhava e gostava." (entrevistada 3)

"Eu tinha muita revista em quadrinhos, que eu comprava. E essas revistas em quadrinhos não eram de super-heróis. Eu lia 'Pato Donald', 'Mickey', essas revistas como 'Mindinho' que tinha Pernalonga, Gaguinho, Frajola e Piu-piu. Eu comprava Tom & Jerry, que era de uma revista chamada 'Papai Noel'. Eu comprava essas revistas, que são aquelas revistas que tinham bichinhos humanizados. Essas eu lia bastante." (entrevistado 7)

"Eu lembro do 'Pinduca', que eu já te falei. Lembro dos 'Sobrinhos do Capitão' que eu não sei se era revista ou encarte. (...) Depois que eu vim para Porto Alegre [em 1955], entrou outro ritmo, que daí são as [revistinhas] da Disney." (entrevistada 8)

"Sim, eu lia gibis. Lia revistas, livros. Eu gostava. Desde que aprendi a ler, sempre tive uma proximidade muito grande com a leitura. Era muito gibi, né?" (entrevistado 9)

“... tinha a ‘Luluzinha’. Isso a gente lia. Aí depois, [...] abriu uma banca de revistas, na rua, assim, para vender revistas e nós íamos lá comprar. Então a gente pedia dinheiro para o pai e ia lá comprar [...]. Então a gente encomendava essas revistinhas assim: ‘Luluzinha’, ‘Bolinha’...” (entrevistada 15)

“Então, qual era a minha leitura em criança? Muitos quadrinhos... Alguns... A revista ‘Mindinho’, a ‘Luluzinha’, o ‘Pato Donald’, sem dúvida! Os almanaques ‘Mickey’, ‘Pato Donald’. Meu pai, semanalmente, chegava em casa com coleções de revistas em quadrinhos. Do ‘Mindinho’, eu me lembro, até hoje, da Mary Jane [Laura Jane?]: “areia da grossa, areia da fina, areia me faça ficar pequenina”. Coisas que marcaram as minhas leituras.” (entrevistada 16)

“Tínhamos também o que o pai também nos presenteava, principalmente os livros do Walt Disney. Por exemplo, ‘Mickey’, ‘Pato Donald’. Livros, livros. Revistas nós descobrimos com uma cliente que esqueceu uma revista na sala de espera do meu pai. Dali nós... Aí começamos a exigir as revistas do ‘Pato Donald’, ‘Mickey’ e tudo... ‘Tio Patinhas’.” (entrevistado 17)

“Eu lia revistinhas, eu lia gibis, eu lia livros, eu lia Monteiro Lobato. E é como eu te digo, eu ia toda semana à biblioteca, então eu trazia livro para casa. (...) Então, eu lia, lia, tinha acesso a diferentes tipos de leitura e tinha os gibis também que a gente assistia, a gente lia... a ‘Luluzinha’, aquelas ali.” (entrevistada 18)

Vários comentários são suscitados pelas lembranças dos entrevistados. Em primeiro lugar, como se poderia esperar, nas menções a revistas de HQ, há um predomínio de personagens e revistas do mundo Disney (seis entrevistados), já muito conhecidos naquela década no Brasil. Relembremos que, para além de seu lançamento como personagens de desenhos, as figuras pioneiras de *Pato Donald* e *Mickey* começaram a aparecer em HQs no Brasil em páginas de revistas ou suplementos infantis ou juvenis de jornais na década de '40, para, posteriormente, ganharem revistas próprias: ‘O Pato Donald’, em julho de 1950, em publicação pioneira da Editora Abril, e ‘Mickey Mouse’, a partir de outubro de 1952.⁶

⁶ Conforme informações de [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pato-donald-\(donald-duck\)/583](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/pato-donald-(donald-duck)/583) e [http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/mickey-\(mickey-mouse\)/804](http://www.guiadosquadrinhos.com/personagem/mickey-(mickey-mouse)/804).

No entanto, a onipresença das HQs traduzidas, de origem norte-americana, se sentia para além das personagens e histórias da Disney. Três entrevistadas e um entrevistado referiram personagens que frequentaram a revista ‘Mindinho’ e, eventualmente, citaram o nome da revista que conforme Gonçalo Jr. (2004, p.158), foi uma das três revistas lançadas por Aizen (um dos grandes empreendedores da publicação de HQs no Brasil) em 1949. ‘Mindinho’, uma publicação inicialmente mensal da Editora Brasil-América Ltda (EBAL), veiculava, na época, HQs em preto e branco com conhecidas figuras, como o esperto coelho *Pernalonga*, que contracenava com outros personagens, principalmente com o garoto *Hortelino Trocaletra*, o canário *Piu-piu* (sempre perseguido pelo gato *Frajola*), o porco *Gaguinho* e sua namorada, a porquinha *Petúnia*, que são alguns dos personagens lembrados. Em relação à personagem *Mary Jane*, cuja lembrança provoca a rememoração - por uma entrevistada - até das palavras mágicas que ela pronunciava, tratava-se de uma personagem menina, sonhadora, que descobriu um ratinho em seu quarto, *Tiquinho*, e com ele brincava.

Já outra personagem feminina bastante citada, que deu nome a revista amplamente conhecida no mundo dos quadrinhos, junto ao seu ‘oponente’ *Bolinha*, foi *Luluzinha*. As aventuras de *Luluzinha* e sua turma, que chegaram ao Brasil em 1955, depois de duas décadas de lançamento nos EUA, tiveram audiência em sucessivas gerações de leitores(as) brasileiros(as). Gonçalo Jr. (2004, p.254) nos informa que “as edições ‘O Cruzeiro’ estrearam em 1955 o que seria seu grande sucesso editorial nos dez anos seguintes: as aventuras infantis de *Luluzinha* e sua turma - depois lançaria *Bolinha*.”

Outros títulos foram lembrados, ainda que com menor frequência - e registre-se que a identificação de eventuais revistas em quadrinhos lidas na infância quase nunca foi precedida, nas entrevistas, por sugestão de títulos e, portanto, correspondem a lembranças espontâneas de um determinado momento de conversas. Assim, houve referências, por dois entrevistados, à revista ‘Pinduca’, também de origem norte-americana e com HQs em preto e branco, que começou a ser publicada no Brasil em março de 1953 pela EBAL. Os protagonistas das situações cômicas trazidas nos quadrinhos eram um menino careca que não falava - personagem que também ficou conhecido no Brasil como *Carequinha* - e sua namorada, *Tutuquinha*.

Foi ainda citado pelos leitores da 'Cacique' o gibi "Os sobrinhos do capitão", que também veio dos EUA e cujas histórias já vinham sendo publicadas no Brasil em suplementos e gibis desde o final dos anos '30. Ianonne e Ianonne (1994, p.34 e seguintes) historicam o surgimento e as mudanças do grupo de personagens que resultariam na HQ citada, posicionando-os entre "As primeiras histórias e seus personagens". *Tom e Jerry*, personagens de uma conhecida série de curtas-metragens norte-americanos com desenhos, também são lembrados em sua versão impressa, na revista 'Papai Noel', por um entrevistado.

É preciso considerar o contexto cultural e editorial mais amplo em que tais leituras teriam ocorrido. Assim, Gonçalves Jr. (2004, p.253) nos informa que:

"Os anos de 1953 a 1955 foram os mais produtivos das duas primeiras décadas de publicação dos modernos quadrinhos americanos no Brasil. Nesses três anos, os três maiores editores de gibis - Adolfo Aizen, Roberto Marinho e Assis Chateaubriand, nessa ordem - lançaram 68 novas revistas em quadrinhos: 38 em 1953, 18 em 1954 e 12 em 1955. Entre os novos títulos, muitos se tornariam clássicos, por sua popularidade e longevidade."

Uma menção diferenciada foi feita pela entrevistada 8, tendo como referência a mesma época em que lia a 'Cacique', e diz respeito à revista 'X-9', revista que, aliás, era incluída em listas de gibis 'perigosos' que circulavam no Brasil à época (Gonçalves Jr., 2004, p.189-190):

"Eu lia 'X-9' que eu continuei lendo, depois... Tenho umas lembranças muito estranhas do que eu visualizava daqueles textos. Uma das mais interessantes era imaginar arranha-céu, porque muitas coisas da 'X-9' aconteciam em arranha-céus. Lembro de um bandido que fugia até o alto de um arranha-céu e era encurralado pela polícia. Olha a idade que eu lia isso? Violência sexual aos montes... Não me afetou em nada, acho que não entendia (risos). A 'X-9' com aquelas folhas amarelas."

Observe-se como a rememoração da entrevistada (que residiu por um tempo da infância em cidade do interior do Rio Grande do Sul), filtrada e ressignificada por todos os seus conhecimentos e vivências posteriores, tem um forte componente visual. Sobre a revista, Gonçalves Jr. (2004, p.210), ao historiar as lutas editoriais e comerciais entre "tubarões" da imprensa brasileira, relata que o jornal 'Última Hora', do Rio de Janeiro, publicou em 1953, a reprodução de

uma capa da ‘X-9’, com a seguinte legenda: “Nesta revista, ensinam-se à criança os primeiros passos do crime e da perversão sexual”.

E como chegavam às mãos das crianças os gibis?

Ora chegavam pelas mãos de familiares - “Eventualmente, meu pai também me dava.” (entrevistada 1); “Meu pai, semanalmente, chegava em casa com coleções de revistas em quadrinhos.” (entrevistada 16), por exemplo - ora eram compradas pelos próprios entrevistados - “Alguns gibis eventualmente a gente comprava em bancas.” (entrevistada 1); “Eu tinha muita revista em quadrinho, que eu comprava.” (entrevistado 7); “abriu uma banca de revistas, na rua, assim, para vender revistas e nós íamos lá comprar. Então a gente pedia dinheiro para o pai e ia lá comprar”. (entrevistado 15) - ora eram obtidas emprestadas - “Eu também olhava, eventualmente, com meus dois sobrinhos [...] Eu me lembro que eles liam muito ‘Mickey’, ‘Donald’, e me emprestavam.” (entrevistado 2).

Entretanto, a abrangente e insistente campanha contra os gibis, mencionada na seção anterior, também teve repercussões no acesso aos gibis, nas interdições e ressalvas familiares correspondentes:

“Ele [o pai] achava isso muito ruim! (...) Com histórias em quadrinhos, ele ficava muito agastado! Ah! Se ele visse lá em casa! Ele não gostava!” (entrevistado 2 - leitor de revistas emprestadas)

“Não, não fui de ler gibi, porque a minha mãe, como boa professora, ela tinha, naquela época, ela tinha horror de gibi [...] Assim, nunca li gibi mesmo, revista. A mãe não incentivava muito a ler quadrinhos.” (entrevistada 6)

Um entrevistado relembra, inclusive, o papel da instituição escolar na potencialização desta campanha:

“E aí entrou o mundo dos gibis, que era muito criticado e comentado negativamente nos colégios, principalmente no Colégio Santa Terezinha, que dizia... As irmãs diziam para a professora de Português que aquilo prejudicava muito até na fala, na técnica textual, porque são linguagens telegráficas.” (entrevistado 17)

Se argumentações de caráter pedagógico subjaziam as interdições e ressalvas acima mencionadas, outra motivação inspirava as decisões da família da entrevistada 11:

“Nesta época, já circulavam revistinhas em quadrinhos, por exemplo. Acho que a ‘Luluzinha’ já estava na roda [em] meados dos anos ’50. (...) Mas meus pais nunca trouxeram esta revista pra dentro de casa, nunca! Eles traziam a ‘Cacique’, entendeu? Porque aí, tem uma questão que eu acho importante entender, a valorização, até por ser uma revista gaúcha... [Eles eram] muito preocupados com isso. Acho que eu preciso te dizer que eu venho de família de militantes comunistas. Então, assim, eles eram muitos nacionalistas e... Época da Guerra Fria, entendeu? Então, os Estados Unidos tentando dominar o mundo, entendeu? E eles eram muito críticos. Não entrava nada que cheirasse a Estados Unidos na minha casa. Por exemplo, a gente não tomava Coca-Cola; a gente tomava Guaraná. A Coca-Cola não entrava. A ‘Luluzinha’ não entrava. [...] Essas histórias em quadrinhos, do tipo ‘Luluzinha’, ‘Bolinha’, isto nunca entrou na minha casa!”

Corporifica-se, no próprio testemunho da entrevistada, outra justificativa então corrente contra os gibis, os quais, como podemos ver, eram na época, majoritariamente, traduções/adaptações das revistinhas norte-americanas.

Mas, para além dos gibis, nossos entrevistados também tinham acesso a revistas infantis de caráter mais amplo, como acima mencionamos, nas quais os quadrinhos estavam presentes. Entre as revistas lembradas, que traziam em seu miolo algumas HQs ou histórias quadrinizadas, em geral coloridas, estão ‘O Tico-Tico’, já mencionada, ‘Cirandinha’ e ‘Tiquinho’ (que visavam ao leitor mais jovem do que o de ‘O Tico-Tico’), todas publicadas pela Sociedade Anônima “O Malho” do Rio de Janeiro e com distribuição nacional. Rosa (2002, p.175-6), em seu profundo estudo sobre ‘O Tico-Tico’, nos informa sobre os cuidados de seus editores para fugir das campanhas críticas às histórias em quadrinhos, em especial no início dos anos 50, através de decisões editoriais como a apresentação de aventuras quadrinizadas de clássicos da literatura. Mas a autora observa que “para leitores de um modo geral, determinadas personagens das histórias em quadrinhos mantiveram-se sempre associadas à imagem da revista. Em depoimentos registrados pela pesquisa [depoimentos de ex-leitores], as referências à leitura da revista corresponderam a reminiscências sobre aspectos e detalhes ligados a personagens por elas vividas”.

Já dois entrevistados lembraram que liam ‘Sesinho’, igualmente uma publicação mensal infantojuvenil, patrocinada pelo Serviço Social da Indústria (SESI), que trazia um garoto urbano (*Sesinho*) como personagem símbolo de diversas seções, as quais buscavam ensinar “coisas úteis”, incentivando leituras e cuidados com a saúde (BRITES, 2004, p.49-52). A participação de HQs era minoritária em relação às chamadas atividades paradidáticas e reportagens informativas, mas os quadrinhos tinham personagens fixos, como *João Bolinha* e o gato *Champanhota* (Brites, 2004, p.70). A revista ‘Diversões Escolares’, também mencionada, surgiu em agosto de 1960, editada pela Editora Abril, aparentemente sendo de inspiração ou origem italiana (Milão) e trazendo informações paradidáticas para crianças leitoras fluentes e alguns clássicos da literatura infantojuvenil em HQ, como ‘20.000 léguas submarinas’ e ‘Zorro’.

Por fim, uma revista infantil editada na Argentina, que era vendida em bancas de Porto Alegre, foi mencionada por uma entrevistada, que lembrava de lê-la quando criança na década de 1950, em bom castelhano: ‘Billiken’. Este periódico semanal infantojuvenil, publicado desde 1919, foi concebido para ser utilizado nas salas de aulas portenhas (Guitelman, 2006, p.54), tendo assim forte ênfase em textos históricos, geográficos, técnicos e científicos, muitos deles quadrinizados. Autênticas HQs, de cunho humorístico ou aventureiro, também aparecem em ‘Billiken’, porém em menor número.

Por outro lado, cabe-nos perguntar sobre quadrinhos e personagens da revista ‘Cacique’ que foram mencionados pelos entrevistados, cuja lembrança foi reavivada pelo contato com as edições das revistas. Temos, inicialmente, referências gerais, como aparecem nas respostas alusivas às seções que seriam lidas em primeiro lugar, no contato com a revista:

“Eu procurava as coisas que me interessavam mais, por exemplo, as historinhas em quadrinhos que, em geral, tinham um lado cômico, sempre eram trotes, assim... Eu gostava daquilo e a criançada também curti, gostava daquilo ali... E depois a gente fazia brincadeiras inspiradas naquilo.” (entrevistada 6, que declarou não ler gibis)

Mas também houve referências específicas a personagens e historietas, numa relativa dispersão de indicações e de aspectos reavivados. Mais frequentes - e seria de se esperar, dada a presença constante nas edições da revista e a

expressividade do traço enxuto e sugestivo do desenhista (SILVEIRA e HESSEL, 2020) - foram as referências a personagens de Renato Canini, já mencionado, como o próprio *Cacique* (Fig.3A e B), que aparecia também em vinhetas de passatempos e chamadas, que foi lembrado por um terço dos entrevistados, e *Tibica*, o menino negro (Fig.3C e D), lembrado por 3 entrevistados.

Nico, Meco e Pinoca (Fig.4C) é outra história que dois entrevistados lembram ter acompanhado:

“Ah, tem uma outra história que eu reconheci agora, ali na capa, no verso da capa, que tem três personagens: ‘Nico, Meca e Pinoca’. Também é uma historinha em capítulos - certo? - em que o gato quer comer os dois ratinhos e no fim, depois de muitas peripécias, [acabam amigos]. Então, essa é uma outra história que eu me lembro bem de ter acompanhado.” (entrevistado 7)

“*Seu*” *Nicácio* (Fig.2D), um personagem recorrente em várias edições iniciais da *Cacique*, marcou a leitura de duas entrevistadas e uma delas, inclusive, mostra como articulavam o personagem à própria experiência pessoal.

“O Nicácio que eu me lembro, a gente achava muito engraçado. (...) Era uma historinha, era um personagem cômico que tinha... Eu acho que eu e a Maria Lúcia [cita uma prima]... Eu não sei se tinha alguma pessoa que morava na rua dela, ali perto, que a gente achava parecido com o tal do Nicácio, e que a gente falava: Olha lá o Nicácio!”. (entrevistada 6)

4: E o mesmo personagem ganha uma apreciação positiva do entrevistado

“Acabei de encontrar uma outra personagem que eu queria te dizer e não estava me lembrando: Seu Nicácio. Eu gostava muito do Seu Nicácio por causa dos desenhos. Eu achava muito simpático. Os desenhos me agradavam muito. Eu achava muito bonitos, muito bem feitos, muito caprichados.”

As personagens *Zé Carioca* (duas citações), a ovelhinha *Marise* (caracterizada como “delicada” pela entrevistada 3), assim como o personagem *Pimpo* - um menino negro, personagem estudado em Zubaran e Silveira (2021) - também foram lembrados, às vezes com apreciações filtradas pelo olhar adulto de hoje: “Se antes eu te contei um exemplo de politicamente incorreto

com relação ao negro, aqui tem o *Pimpo*, um menino negro, e a ele era destinada uma história de 4 a 5 páginas, em quadrinhos, educativa, muito interessante, muito... correta, dele e da família dele, de negros. Me lembro do *Pimpo*, é isto aí.” (entrevistado 4)

Vamos nos deter agora nos quadrinhos de *Ric e Rac* (Fig.2A), na medida em que ensejam trazer observações interessantes dos entrevistados. *Ric e Rac* protagonizaram várias historietas cômicas e foram lembrados - nem sempre positivamente - por cinco entrevistados. Suas imagens, de traço simplificado, receberam mais de uma interpretação, como a da entrevistada 8: “Dos quadrinhos, aqueles patinhos, aqueles bicudos, o *Ric e Rac*, eu lembrei bem quando vi.” O entrevistado 9, ao reconhecer os personagens, comenta: “É do *Ric Rac*, não é? Por causa do nariz do *Ric Rac* eu pensava: “Pô, esse cara eu posso desenhar! Eu achava que estava dentro do padrão.” E a entrevistada 6 acrescenta: “Eu não gostava muito daquele *Ric Rac*, como é que é?”. Por outro lado, a visualização de *Ric e Rac*, assim como de outros quadrinhos da ‘Cacique’, traz, para dois entrevistados, lembranças de comparações e julgamentos que então faziam:

“E nisso, eu lembro, que eu achava as histórias em quadrinhos da ‘Cacique’ pobres! (...) Eu não encontrava na revista ‘Cacique’ o que eu encontrava de interessante nas histórias em quadrinhos de ‘Mickey’, ‘Pato Donald’, ‘Pateta’. Eu gostava, eu gostava muito dessa fase do Disney, eu gostava muito.” Essas [histórias em quadrinhos] da última capa... O Ric Rac, por exemplo. Eu achava, assim, o desenho muito primário, as cores... Eu não gostava. Eu pulava, porque não tinha nada a ver!”. (entrevistado 2)

“Eu estava acostumada com as revistas em quadrinhos da Disney, maravilhosas e mais coloridas. Então, eu tenho a ideia de que não gostava muito das ilustrações [da ‘Cacique’].” (entrevistada 16)

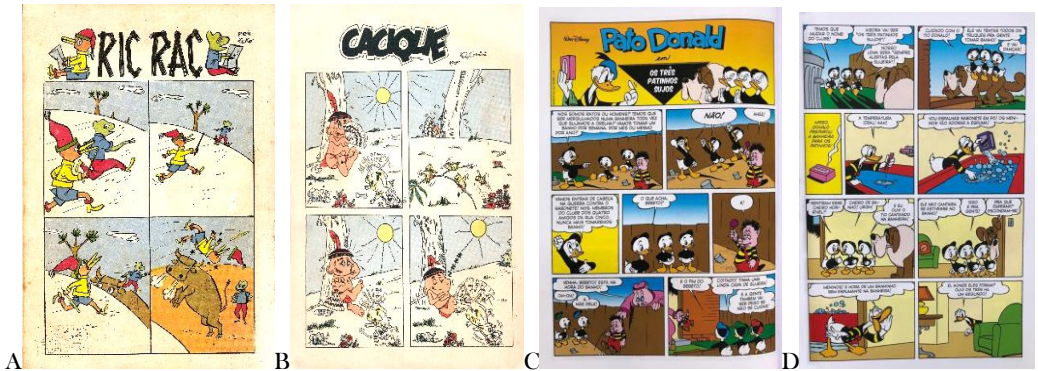


Figura 5. Imagens de quadrinhos da 'Cacique' e de quadrinhos de revista Disney publicadas nos anos 50, para comparação.

A e B - Revista 'Cacique' (n° 17, ago/55, 4ª capa; n° 43, mai/57, 4ª capa). Fonte: acervo da pesquisa.

C e D - História da Disney 'Os três patinhos sujos', publicada no Brasil em 1953. Fonte: **Huguinho, Zezinho e Luisinho: os 80 anos dos Sobrinhos do Donald**. São Paulo: ed. Abril, 2017. p. 24 e 25.

Fugindo à predominância de lembranças das HQs com tom jocoso e leve, dois entrevistados relembrou histórias quadrinizadas – *Japir, o índio Tupi* – e a fábula *O coelho e a tartaruga*. A entrevistada 1, que cita a primeira história, busca uma justificativa para esta mobilização:

“talvez fosse também porque a forma como era apresentada, né? A forma de quadrinhos... Eu acho que era uma forma que também mobilizava muito. E todos os quadrinhos eu me lembro, entende? Tanto é que eu me lembro do indiozinho lá nos quadrinhos, a figura dele nos quadrinhos. Esse índio tupi, quando eu botei o olho nele, eu disse: Bah, mas essa história aqui, eu me lembro dela perfeitamente!”.

Outra lembrança interessante, que aponta para o enraizamento da leitura dos quadrinhos pelas crianças letradas dos anos 50, vem do depoimento do entrevistado 17:

“Eu, quando lia as revistas, não só a 'Cacique', qualquer uma, eu sempre prestava bastante atenção no expediente da revista. Eu cuidava porque eu e meu irmão Nelson fazíamos história em quadrinhos. A Teresa também, que era minha irmã. Nós desenhávamos, fazíamos as nossas próprias revistas.”

Podemos entender tal atividade como a expressão da própria vontade infantil de se inserir num mundo ficcional de fantasia e encantamento e de produzir dentro deste mundo.

Alguns apontamentos finais

Findo o percurso a que nos propusemos, uma síntese pode nos ajudar a lançar pontos de reflexão sobre as lembranças das práticas de leitura dos quadrinhos por um grupo de crianças gaúchas (moradoras do Estado mais ao sul do Brasil) dos anos 1950, no Brasil, tendo sempre presente o entendimento de que “a memória, longe de reproduzir simplesmente a realidade social, é um lugar de mediação simbólica e de elaboração de sentido” (Passerini [1988b], *apud* Arfuch, 2010, p.250).

Assim, a escuta atenta dos relatos dos entrevistados apontou para alguns paradoxos sobre tais práticas de leitura, como a fragilidade da forte condenação à leitura de gibis, que não impedia, na maior parte das vezes, a sua leitura. Observe-se, ainda, que a prática dessa leitura esteve presente na vida de crianças que se tornaram grandes leitores na vida adulta, com carreiras estabelecidas no campo intelectual (a grande maioria dos entrevistados), embora seja preciso ressaltar que este não era seu único material de leitura, conforme os relatos das entrevistas. Além disto, observou-se que mesmo os entrevistados que não relataram ler gibis quando pequenos apreciavam as HQs trazidas na revista ‘Cacique’, a exemplo de outras revistas para crianças, as quais também lançavam mão desta linguagem, fato que não se restringiu apenas ao Brasil (Menna, 2019; Guitelman, 2006). Efetivamente, constata-se uma dubiedade na condenação dos quadrinhos (principalmente dos gibis), amainada quando eles integravam páginas de revistas infantis publicadas no Brasil, com ampla aceitação junto às crianças. Ou seja: como entretenimento, sem ‘risco’ de trazer ações violentas ou ‘valores estrangeiros’ para as crianças brasileiras, os quadrinhos (como linguagem) eram bem-vindos ou, ao menos, tolerados.

Nas falas de alguns entrevistados, há pistas sobre suas preferências, sobre as atitudes da família repercutindo ou não o discurso corrente de reprovação das HQs e afastando ou não as crianças desta leitura, assim como sobre suas avaliações de então (certamente ‘filtradas’ pelas experiências posteriores) sobre

as HQs, tanto como gênero textual quanto como veiculadoras de ‘conteúdos’. Considerando a faixa etária na qual leram ‘Cacique’ e sobre a qual foram questionados, observa-se a referência predominante a quadrinhos com teor humorístico, com personagens animais antropomorfizados ou crianças. Também é encontrada a identificação e menção a personagens recorrentes, que voltavam edição após edição, propiciando um efeito de familiaridade e proximidade com as crianças.

Petit, antropóloga respeitada por suas pesquisas sobre leitura em contextos diversificados, nos traz fecundas reflexões e lembranças de uma “leitora nascida em Paris nos anos do Pós-Guerra” (PETIT, 2013). E, ainda que estivesse em outro continente, talvez algumas memórias possam ser aproximadas às de alguns de nossos leitores e leitoras mirins da mesma época:

“Os adultos, no mundo de cima gostavam das histórias que terminavam mal. Deleitavam-se lendo-as às crianças. Ou gostavam das histórias sombrias, de outras épocas, com muitas palavras e nenhuma imagem. Ou muito poucas, uma imagem a cada cem páginas; para serem degustadas com parcimônia, como o chocolate. Eu devia ter uns oito anos. Meus pais tentaram me convencer a ler Júlio Verne, Stevenson. Eu me entediava. Mas eles tiveram a elegância de não insistir, e me deixaram voltar para minhas más companhias, as histórias em quadrinhos. No ano anterior compraram regularmente a revista *Jornal do Mickey* para mim. Gostava do Pato Donald, que estava sempre enfezado, com um gênio impossível. Eu era um “anjinho”, incapaz de expressar minha agressividade. Esse pato mal-humorado me dava um respiro.” (PETIT, 2013, p.151)

Podemos conjecturar que o encanto e o suporte subjetivo que a ‘má companhia’ do *Mickey* trouxe para Michele Petit possam ter tido paralelo com outras variadas experiências dos leitores infantis brasileiros com os quais conversamos e que relembrou com tanto afeto e emoção estes momentos de leitura de quadrinhos.

E, para pensarmos sobre o tema, talvez as palavras de Arfuch, autora argentina com significativa obra sobre o ‘espaço biográfico’ contemporâneo, que define como a coexistência intertextual de diversos gêneros que privilegiam uma posição de sujeito ‘autenticada’ por uma existência real (ARFUCH, 2006), potencializam nossas reflexões:

“Aparece así nitidamente la articulación entre lo individual y lo social, no como polos antitéticos sino como dos momentos en perpetua interacción: si sólo somos en la trama de lo social, nada habrá de verdaderamente individual en nuestra biografía, su propia trama será indisoluble del medio, el grupo, la comunidad... Por eso, precisamente, cada vida singular será un eslabón más en la cadena de identificaciones, afectos, pertinencias, aquello que nos ubica y nos distingue como miembros de una colectividad.” (ARFUCH, 2006, p.112)

REFERÊNCIAS

ANG, Ien. Sobre os Estudos Culturais novamente. *In*: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (orgs.). **O que são Estudos Culturais hoje?** Diferentes praticantes retomam a pergunta do *International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p.33-44.

ARFUCH, Leonor. La esfera íntima contemporânea: espacios y narrativas. *In*: SOMMER, Luís Henrique; BUJES, Maria Isabel E. (orgs) **Educação e cultura contemporânea: articulações, provocações e transgressões em novas paisagens**. Canoas: Ulbra, 2006. p.109-117.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**. Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

BRITES, Olga. **Infância, trabalho e educação: a revista Sésinho (1947/1960)**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

CARVALHO, Djota. **A educação está no gibi**. Campinas: Papirus, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história cultural - entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990

CHARTIER, Roger. (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHARTIER, Roger. **O desafio da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002

DEMÉTRIO, Silvío Ricardo; ROYER, Marlene Ferreira. A construção da visualidade da revista *Sésinho*: codificação e decodificação em seis décadas de história. **Revista Novos Olhares**, São Paulo, v.2, n.2, p.94-103. 2013.

FORNAS, Johan. Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções. *In*: SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; KARNOPP, Lodenir Becker; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna (orgs) **O que são Estudos Culturais hoje?** Diferentes praticantes

retomam a pergunta do *International Journal of Cultural Studies*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p.57-78.

GONÇALO Jr. **A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura dos quadrinhos, 1933-1964.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GUITELMAN, Paula. **La infancia en dictadura - Modernidad y conservadurismo en el mundo de Billiken.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos.** São Paulo: Moderna, 1994.

MENNA, Lúgia. **A literatura infantil além do livro.** Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

PETIT, Michele. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.** São Paulo: Editora 34, 2013.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos.** São Paulo: Contexto, 2010.

ROSA, Zita de Paula. **O Tico-Tico: meio século de ação recreativa e pedagógica.** Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; HESSEL, Maria Helena. Diálogo de linguagens em HQs humorísticas de Renato Canini na revista infantil Cacique - década de '50. *Iz*: Eliane Debus (org). **(R)ex(i)stências literárias na contemporaneidade.** Palhoça: UNISUL, 2020, v.1, p.1298-1313.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; ZUBARAN, Maria Angélica; HESSEL, Maria Helena. "Só ensina coisas úteis/proporciona alegria": apontamentos sobre a materialidade da revista infantil Cacique, de 1954 a 1959. **Métis: História & Cultura, Caxias do Sul, v.18, p.131-151, 2019. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/8892/4230GOS>**

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. **Dicionário Bibliográfico Gaúcho.** Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Editora e Distribuidora Gaúcha Ltda., 1991.

ZUBARAN, Maria Angélica; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Representações racializadas e dimensões pedagógicas das histórias em quadrinhos do personagem negro Pimpo na revista infantil Cacique. **Revista Contrapontos** [eletrônica], Itajaí, 2021, v.21, n.1, p.131-147. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/rc/article/view/17774>

Recebido em 03/02/2023

Aprovado em 05/06/2023